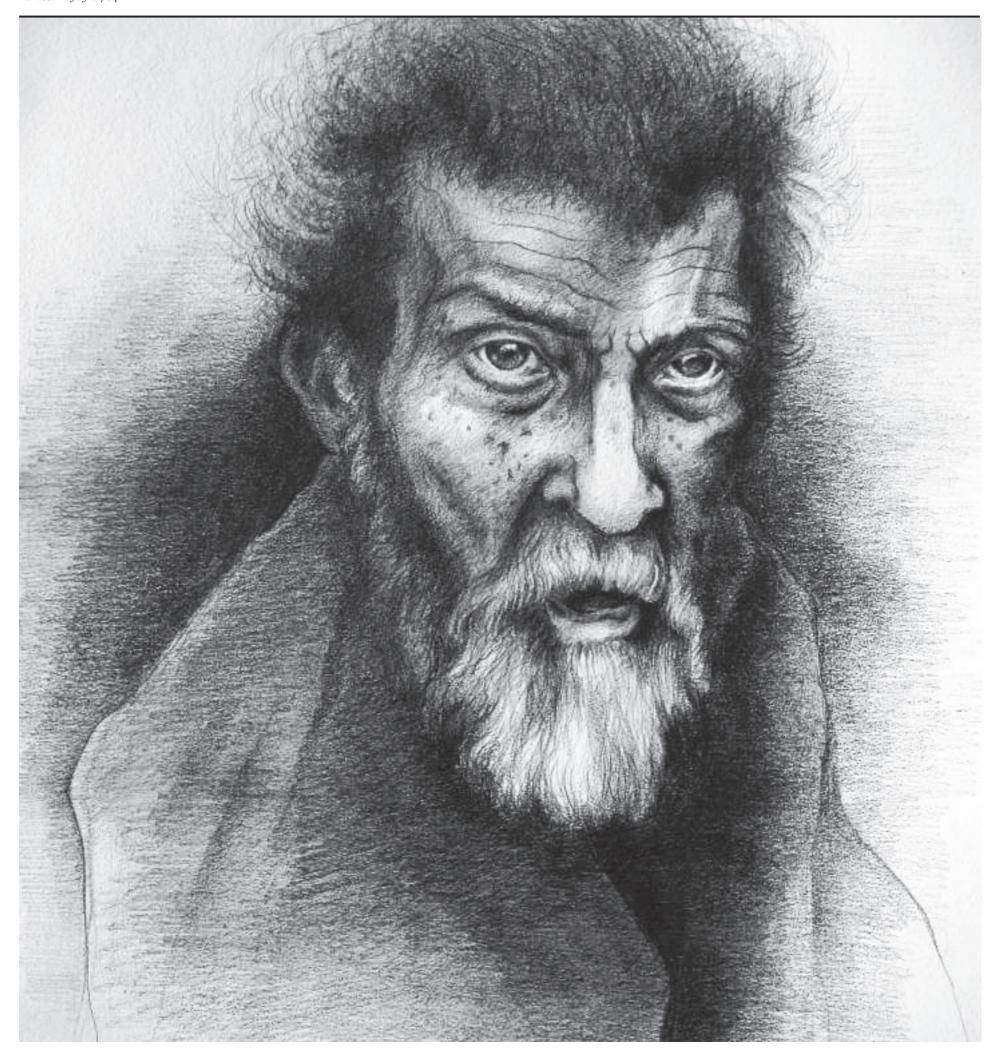
EF EDIÇÃO DE JANEIRO/2018, N.6, A.8
PERIÓDICO LITERÁRIO INDEPENDENTE FEITO
EM CURITIBA, PARANÁ, DESDE SETEMBRO/2010
F ISSN 2525-2704





#### janeiro/2018

EDITOR: DANIEL ZANELLA
EDITOR-ASSISTENTE: MATEUS RIBEIRETE
OMBUDSMAN: RICARDO LÍSIAS

REVISÃO: MATEUS SENNA

PROJETO GRÁFICO: MARCELI MENGARDA LOGÍSTICA: THAÍS ALESSANDRA TAVARES REDES SOCIAIS: FELIPE GOLLNICK

ADVOGADO: BRUNO MEIRINHO OAB/PR 48.641

IMPRESSÃO: GRÁFICA EXCEUNI TIRAGEM: 4.500

EDIÇÃO FINALIZADA EM 20/12/2017

#### editorial

"A história que contamos a nós mesmos sobre instituições jornalísticas é, em suma, mais de uma. Aliás, são três histórias, todas transcorrendo mais ou menos simultaneamente. Há uma história de declínio e colapso institucional, uma história de renascimento institucional e, talvez a mais importante para nossos propósitos, uma história de adaptação institucional. Onde termina a morte e começa o renascimento, qual o grau de responsabilidade de novas instituições pelo declínio das velhas, se há mais a ganhar ou a perder e como fazer o pêndulo oscilar para o "ganho" são argumentos que se confundem, já que não estamos assistindo ao desenrolar de uma só história."

Trecho de **Jornalismo Pós-Industrial**, relatório preparado por C.W. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky, da Columbia University, sobre a imprensa no século 21.

2017 foi um ano realmente especial para o RelevO.

Conseguimos, ao longo de doze meses e treze edições, fechar no azul em dez meses. Por mais que sejamos um projeto sem fins lucrativos e de literatura – supostamente mais elevado –, não dar prejuízo representa diretamente mais do que os nossos possíveis méritos artísticos. Significa continuidade, garantia de circulação, segurança para investir em aspectos técnicos do jornal, como compra antecipada de malotes e mudança operacional de entrega. Significa que a plataforma papel, dentro de um nicho, ainda tem fôlego.

Foi, de fato, um ano de retomada para o nosso impresso, com a chegada de novos leitores, aparentemente cansados do domínio das telas, em busca de um pouco menos de velocidade de mundo. Também diversificamos o jornal com a chegada das colunas de HQ, de Ben-Hur Demeneck, de música, de Felipe Gollnick, e de lançamentos literários, de Gutemberg Medeiros. Seguimos com a instituição do ombudsman, embora Ricardo Lísias, atual comandante do cargo, seja o ocupante mais (mal) criticado da nossa história, o que, de fato, não surpreende: um escritor imune à indiferença. Seguimos como um dos únicos três jornais impressos do Brasil a ter o cargo de ouvidor do leitor. Isso tudo deu uma alavancada em nosso novo projeto editorial.

Ainda é cedo para projetar 2018. Sabemos que será um ano dificil, de oscilações no plano político e de aumento de custos estruturais, da gasolina ao papel. Continuaremos, de modo geral, apostando na transparência de dados, sem medo de expor nossos erros e acertos, e dentro do circuladô de humor e caos.

Portanto, antes da bruma, é a hora de agradecer à equipe do jornal, que segura o garnizé pelo bico (sem vocês, o jornal seria da carne ao pó), aos nossos fieis anunciantes e aos abnegados leitores, dos mais antigos, de Consolação Buzelin, nossa primeira assinante, até os novos, que chegam com o frescor de nos dizer onde podemos melhorar e onde estamos indo bem. Não esquecemos a importância dos nossos mais de 100 distribuidores nacionais, que recebem o periódico todo mês, de São Francisco de Paula (RS) a Limoeiro do Norte (CE).

Isso de fazer jornal, sem dinheiro público e sem estranhos acordos com o meio de atuação, é como jogar 38 rodadas de um campeonato apenas brigando para não cair. E não caímos há mais de sete anos.

Uma boa leitura a todos.

#### disso de dinheiro

ENTRADAS

Assinantes: R\$ 100 Eleazar Venancio Carrias; Tânia Solano Ardito; Pedro Luz; R\$ 70 Clarissa Wolff; R\$ 50 Geovani Martins; José Eduardo Degrazia; Thiago Ponce de Moraes; Lausamar Humberto; Flávia Schiochet; Elizete de Fátima Fagundes; Mariana Franco Ramos; Fausto dos Santos; João Carlos Magalhães; Cristiane Lucia Souza Freitas; Mauro Paz; Ellen Maria Vasconcellos; Kamilla Mendes Martins; Alexandre Boide; Emerson Emer; Gabriel Farsto; André Mellagi; Rojefferson Moraes; Ceres P. Marcon; Giovanna Lena; Karina Ernsen; Virginia Kleemann; Carlos Eduardo Pereira; Juliano Coelho; Sandra Garmus; Talita Almeida; Raísa Boing; Guilherme Ganem; Vania Diuana; Whisner Fraga; Laís Valério Gabriel; Lorena Lima; Régis Amora; Mário Sérgio Baggio; Tiago Germano; Luiz Biajoni; Leandro Jardim; Eduardo Baggio; Cinthia Kriemler; Elizandra Cubas; Ivan Gama; Leila Míccolis; Acir Maurer; Hertz Wendel de Camargo; Agustín Arosteguy; Selma Becker; Pedro Spigolon; Ricardo Nonato; Marianna Camargo; Renata Silva Pinto; Munique Duarte; R\$ 40 André Fellipe Fernandes; Aliedson Lima; Luís Alberto Moura; Rejane Cristina de Jesus (Total: R\$ 3.080) Anunciantes: R\$ 300 Allejo; R\$ 100 Editora Penalux; William Soares Santos; R\$ 60 Estação 9; R\$ 50 Gato Preto; Farmácia

Ehlkefarma; Torto Bar, Fisk; Livrarias Joaquim (total: R\$ 810)

Saídas

Gráfica: R\$ 1.360 Distribuição: R\$ 425 Assinantes: R\$ 1.000 Papelaria: R\$ 170 Redes ditas sociais: R\$ 30

**Celular 1:** R\$ 600

Comemoração RelevO 500: R\$ 200

Custos totais: R\$ 3.785 Receita total: R\$ 3.890

Balanço de dezembro de 2017: R\$ 115

#### imagens dessa edição

As ilustrações desta edição são de autoria de Luna Lu.Você pode conhecer mais do trabalho dela em www.instagram.com/art.lunalu

#### assine/anuncie

Somos um impresso sem fins lucrativos que sobrevive apenas por dois meios: assinantes e anunciantes. Fale conosco no contato@jornalrelevo.com e combine de receber o jornal mais aleatório do Brasil em casa ou divulgue seu trabalho, sua marca, seus projetos culturais.

#### publique

O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO abarca projetos acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas, ameaças inbox. Mande seu material para contato@jornalrelevo.com.

MAIS PEDRA

Cid Brasil Sério, pô, larguem mão do Lísias. Criem um personagem pra ombudsman, inventem um tipo, uma máscara. Não deem corda pra seriedades em tempos sisudos e caretas como este. Revistas e jornais como o RelevO sempre foram casas para os off-off broadway, revelando novas fórmulas e discursos ou, ao menos tentativas disso, portanto, ter um escritor reconhecido ali (e que ainda por cima não entendeu o jogo do jogo do jornal e vem falar sério, é de dar nos dedos. Pessoalmente comprova a minha impressão de que ele não tem senso de humor nem pra lidar com uma traição) e soa como escola e não laboratório, ou fica parecendo como se o jornal fosse novo na praça, buscando um selo de aprovação ou verniz de alheios. Enfim...

**Aurélio Andrade** Sigo não entendendo o motivo de ter um ombudsman se for pro cara escrever as coisas que escreve. Ele não entende a lógica do jornal.

Gabriel Fausto de Souza Achei a edição de outubro bem melhor que a de setembro. Leandro Alva e William Winner foram bem. Gostaria de chamar a atenção para a coluna do ombudsman de novembro sobre o Rock in Rio."Keep on rocking in a free world", do Neil Young, não é uma canção de esperança por um mundo livre. Um erro de interpretação comum, que inclusive a nossa querida rádio Mundo Livre FM comete. Neil está dizendo que a porra toda tá fodida mesmo, é só olhar em volta, mas que nós, os incluídos no sistema, temos o luxo das distrações que nos convencem do contrário, desfrutamos das benesses do desenvolvimento enquanto mães jogam filhos na lata de lixo por não terem opção. "She hates her life, and what she's done with it / There's one more kid that will never go to school / Never get to fall in love, never get to be cool / keep on rocking in a free world...". Abraços!

**Rômulo Candal** Bom demais ter o Lísias como ombudsman! Parabéns! Até vou escrever algo pra ele poder falar mal de mim.

DAQUI E DALI

Carlos Eduardo Pereira Acabo de ler a edição de novembro. Gostei do que li, da pegada/proposta de vocês. Parabéns pela publicação. Quem curte literatura agradece. Mais uma vez: parabéns pela coragem.

**Cristina Judar** O jornal é incrível. Meus parabéns e que continue cada vez melhor!

**Dulcineia Mesatto** Atitudes como publicar um jornal impresso, contrária a todas as intempéries, me dão esperança e me fazem acreditar que ainda há uma luzinha fugidia no fim do túnel. Tá lá sinalizando um tempo novo, onde o lucro vem das palavras e a vida transborda de conteúdo e significados. Parabéns a toda a equipe do **RelevO**. Menos é sempre mais para quem gosta do que é realmente necessário e importante.

**Isabelle Lemes** Vocês são meu jornal preferido, o único que leio <3

**Ivan Gama** Benzadeus jornalzin bão! =) Parabéns aos envolvidos!

Faustino Rodrigues Para quem gosta de literatura,

fica a dica.

Daniel Osiecki Lindeza de edição.

CAPA DO DE ANGELIS

Jô Palha Eita, a capa com a minha escritora favorita. Claudia Lopes Borio Está linda a capa.

**Greicy Bellin** Capa belíssima e ótimo texto sobre a violência editorial de gênero.

Nathalia Medeiros Amei a capa!

Carolina Ribeiro Que capa!

**Adriana Barretta Almeida** A capa de dezembro com a Clarice está linda!

Marcelo De Angelis Tive a alegria de receber pelo correio a edição de novembro acompanhada do livro *Peixes coloridos de alto-mar*, do Paulo Sandrini. Outra surpresa maravilhosa. Está até parecendo Natal de antigamente. Vaaaaaaaleu!

UÉ?

Elaine Thomé de Souza Parabéns minha querida, muito bom trabalhar no que gostamos e acreditando,bjs e saudade.

Da redação: Elaine, obrigado pelo comentário gender fluid.

FALHA NOSSA

Lucas Salgado Trabalho na Uniandrade, em Curitiba, e não recebemos os exemplares referentes ao mês de dezembro. Sou assíduo leitor do periódico e me entristece que sejamos excluídos da logística distributiva. Entendo o orçamento limitado porém reitero o pedido com esperança no coração. Desde já agradeço a atenção. Forte abraço!

Da redação: Atrasamos? Atrasamos. Mas não acontecerá novamente.

**Diogo Richter** Não recebi a edição de novembro, sequer aquela edição especial feita com o pessoal da UP. O entregador está de mau humor comigo, pelo visto!

UPDATE

**Diogo Richter** Recebido! Ia mandar mensagem ontem, avisando do recebimento, mas acabei lembrando tarde da noite. Muito obrigado por todos os itens recebidos! E parabéns mais uma vez pelo excelente trabalho!

CONSCIÊNCIA NEGRA EM NAVEGANTES

Henrique Pitt Vou brevemente expor aqui duas coisas que considero importantes: a primeira, é que mostramos aos estudantes diversos autores, principalmente alguns que o próprio sistema educacional omite, como a Maria Firmina dos Reis, a Carolina Maria de Jesus, alguns clássicos – mas outros nem tanto, como Cruz e Sousa e Castro Alves. @s alun@s escolheram o que mais lhes chamou atenção e colocaram no mural (aí tive que conter o RelevO, pra não ficar um mural só com ele).:): E, esse lance de, numa pequena escola, de uma pequena cidade, fazermos algo "insignificante", e um jornal literário de suma categoria achar interessante, e divulgar. Chega a dar um afago... Parabéns aos autores da edição de novembro! Fizeram a cabeça da gurizada.

Qual a função da arte?

A VINGANÇA DOS ANALÓGICOS

**Elton Mesquita** Recebi o **RelevO**! Excelente projeto, parabéns. Nem faço ideia de como vocês conseguiram fazer durar tanto tempo.

**Alex Xavier** Hoje é dia de devorar as publicações que chegaram pelo correio (sim, impressos!), como a Vacatussa (da qual participo), o Rascunho (com Houellebecq traduzido por Jon Natalicio) e o **RelevO**.

**J.G. Pinheiro** Aqui em casa nós estamos curtindo o pacotão **RelevO** que chegou: lindíssimo! E quanta gente, quanto talento! Principalmente quem colabora com o jornal deveria divulgar pesado, afinal, é o próprio trabalho! O **RelevO** é um espaço inestimável que precisa ser reconhecido! Abraços.

**Isabel Loyola** O **RelevO** chegou aqui na Venezuela. Sábado, dia 16, tive a grata surpresa. Fico feliz de saber que o correio ainda funciona. Boas festas de Natal e de Ano Novo a todos. Obrigada!

**Ben-Hur Demeneck** Um jornal que circula por todas as topografias. Avante com esse belo projeto editorial e jornalístico.

**Regina Portela O** jornal é maravilhoso, tenho divulgado com afinco!

**Darlan Jevaer Schmitt** Belo trabalho! Parabéns e vida longa ao **RelevO**!

**Cesar Augusto de Carvalho** A sustentabilidade financeira, mesmo sem visar lucros, é fundamental para viabilizar o maravilhoso projeto do **RelevO**. Em breve, levarei muitos exemplares para Portugal e, quem sabe, isso gere novos assinantes nos países lusófonos.

MUDANÇAS LOGÍSTICAS

**Juliana Silveira** Já notei a diferença na distribuição. Fiquei muito feliz em receber o **RelevO** mais cedo no mês e com um livro de presente, que me fez pensar, uau!, é Natal e meu aniversário, ganhei presente!

**Delma Andrade** Minha semana começou com surpresinhas (mas só agora tive tempo para agradecer)... Veio de brinde, junto com o **RelevO**, o livro *Peixes coloridos de alto-mar*, de Paulo Sandrini. Obrigada!

**Cristina Bresser** Senti a diferença também este mês. Meu jornal chegou já faz dois dias! Muito obrigada e parabéns pelo jornal!

**Leal Kostav** Dá pra pegar um avião e trazer o meu aqui em Belém? Rsrsr

**Jô Palha** Fui buscar hoje o **RelevO** na minha caixa postal. Já estou gostando. Li logo o Evanilton Gonçalves e o Relevo Wiki. Parabéns! Vocês são massas. P.S.: Já estava na caixa postal há dias, mas deixei pra hoje. EDIÇÃO ESPECIAL FAKE NEWS

**Leonardo Migdaleski** Está excelente isso tudo. Parabéns aos envolvidos.

**Rita Kalinovski** Recebi dois jornais **RelevO**! Maravilha! Dentro do plástico, surpresa, o livro novo de Paulo Sandrini. Livro bom nos prende. Já o li inteiro. Li li e li sem parar. Obrigada a vocês! Excelente surpresa!

Casa da Leitura Wilson Martins

Gerência Faróis do Saber, Farol

Paulo, Farol das Cidades, Farol

Vinholes R., Farol do Saber Frei

Cambé: Biblioteca Pública de

Toledo: Biblioteca Pública Municipal de Toledo

do Saber São Pedro e São

do Saber Antônio Machado

arol do Saber Aristides

Biblioteca Municipal Professo

Cidadã Prof. Marlene Alenbrant

Cantagalo: Biblioteca Pública

Municipal Valdemiro José Bona **Pinhais:** Biblioteca Pública de

Maripá: Biblioteca Pública

Tibagi: Biblioteca Pública

Municipal Historiador Luiz

Leopoldo Mercer

Helena Braun

Biblioteca Setorial Educação

Eisica UEU - Biblioteca

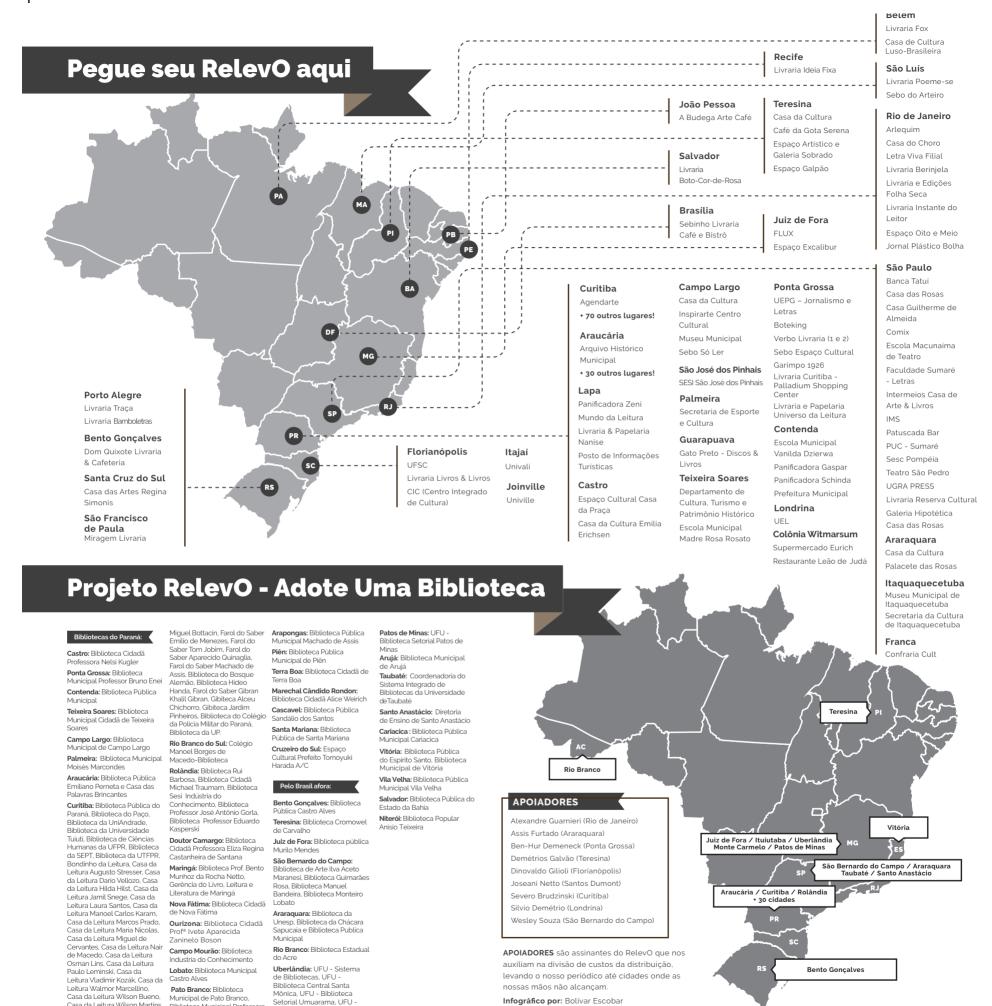
Hospital de Clínicas

Setorial Ituiutaba

etorial Educação Básica FU - Biblioteca Setorial

Ituiutaba: UFU - Biblioteca

Monte Carmelo: UFU -Biblioteca Setorial Monte



**QUER DISTRIBUIR O RELEVO?** 

www.jornalrelevo.tumblr.com

ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Confira a lista completa de pontos de distribuição em

#### Ombudsman - Ricardo Lísias

### Argumentar é melhor

Uma vez, na plateia de uma conversa entre cinco escritores latino-americanos que estava começando em Guadalajara, no México, espantei-me ao ouvir a declaração do mediador: o brasileiro não precisa se preocupar e pode discordar dos outros, se quiser. Eu tinha ido justamente porque gosto muito da obra do meu conterrâneo e lia naquele momento, bem admirado, o livro de um peruano que estaria à mesa. De fato, os brasileiros somos conhecidos internacionalmente por nunca discordar de ninguém. Depois, em Frankfurt, um tradutor observou em um debate que o brasileiro presente havia concordado com uma opinião e depois com o contrário dela.

Na mesma feira de Guadalajara, aliás, achei que um escritor, de tão exaltado, iria de fato dar uns murros no seu colega de mesa. Por mais força que faça, nesse caso minha memória não está tão afiada. Do interlocutor eu me lembro: era Mario Vargas Llosa, que havia acabado de ganhar o Prêmio Nobel. Uma hora depois, com a feira já fechada, dou de cara com os dois conversando em um restaurante. Parece que não levaram a mal.

Não é só na literatura. Outro dia vi um professor comentando que no café da universidade um colega seu lhe dissera, muito espantado, que no meio de uma entrevista uma jornalista espanhola havia discordado de uma opinião, lançando um argumento contrário. Para ele, a atitude soara como ofensiva.

Quando recebi o convite para fazer uma coluna mensal no **RelevO**, sempre comentando o conteúdo da edição anterior, achei a ideia ótima. Eu já o conhecia e gostava do acúmulo diferente de vozes e formas. Talvez achasse o que dizer. Até hoje, não conheço pessoalmente nenhum dos responsáveis pelo jornal. Quem sabe algum dia a gente tome um café ou, dependendo do horário, um vinho. Sou paulistano, mas não gosto de chope.

No começo desse ano, falei uma frase ou duas a um jornalista sobre história em quadrinhos. Um pouco depois da publicação da matéria, um tradutor especializado mostrou o tamanho da bobagem que eu tinha dito. A estrutura da fala dele era a seguinte: Ricardo, você está errado, pois [e seguiam alguns argumentos]. De fato, eu me equivoquei.

Não vou conseguir vencer o assunto em uma coluna apenas. Acho que, no nosso momento histórico, é preciso muito cuidado para não falar demais. Tem muita gente dando bom dia a cavalo. Mesmo assim, paro um minuto para tentar entender como alguém pode escrever uma carta para um jornal dizendo que está cancelando sua assinatura porque agora, além de piadas, há um ombudsman. Enfim, logo se vê que é alguém de mau humor.

Até onde sei, há cartas mais agressivas dirigidas a mim. Estou meio acostumado. No caso, porém, não seria mais razoável que fossem apresentados argumentos contra as minhas ideias? Pelo jeito, a assinatura foi cancelada porque alguém discorda de algo que a pessoa gostava e isso é inadmissível. Como se sabe, sociedades sem tolerância para a crítica estão muito propensas a aceitarem ser controladas por pessoas que não gostam mesmo que os outros pensem.

Imagino em quem essa gente que não argumenta, apenas afirma, vai votar em 2018.





Rita Maria Kalinovski, poeta

se o natal perdeu a graça empurra que passa!

Conheça mais o trabalho da autora e adquira seus livros no Paço Municipal de Curitiba e nas Livrarias Curitiba.









**CENTRO DE ENSINO 3642-3690**R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR

333000







somos um portal de literatura em língua portuguesa somos também um selo independente que publica e-books de poesia e prosa

contato | editorgueto@gmail.com

COLLASSA OG SORVIGOS OG ENVINSSA OG SORVIGOS

DALEDIO SURANDIR

Acesse

CATAREMEDALGUOURATUR eajudea reeditar duas grandes obras desse premiado romancista da AM42ôNi4!





LIVROS (VINIS Joaquim Livraria & Sebo Rua alfredo Bufren, Si Centro | Curitiba, pr



A ostra se abre A página de um livro se vira Da pedra bruta Um novo autor se lapida





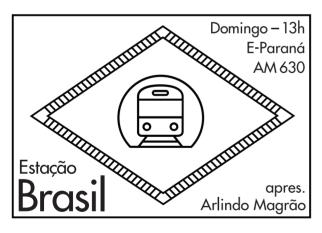
### A Revolução está apenas começando.

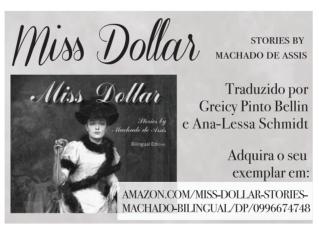
Rádio **Cultura** 













000000000000000000000 PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeño editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



ARAUCÁRIA-PR

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA CONTRATOS - TRABALHISTA

#### Bruno César Deschamps Meirinho

OAB/PR 48.641

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM, SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR

(41) 3564 7194

(41) 984 405 050

(41) 3642-1128

# "O primeiro milagre do amor fora a aceitação por parte da moça do famoso violoncelo", escreve Machado de Assis para mostrar o "contraste de índole"do casal protagonista de "O Machete" [sinônimo de cavaquinho]. Enquanto o marido prefere as cordas típicas da música de câmara, a esposa vibra com o som que vem da rua. Depois de um filho, uma dezena de saraus e algumas páginas do conto, Carlotinha foge com o músico popular.

**RelevO** traz uma entrevista rasante com o quadrinista DW Ribatski sobre como é publicar mensalmente HQs no Blog da Companhia das Letras desde abril de 2014. Quando atualizou o portal com a adaptação machadiana, lançara para baixo da barra de rolagem um quadrinho inspirado por Lou Reed (Velvet Underground). No mês seguinte, DW atacaria com uma narrativa gráfica visitante do tema dos sonhos amparando-se numa referência erótica vinda de Henry Miller. Três provas de que uma HQ vale mais que mil caracteres.

#### Como é produzir uma coluna de quadrinhos mensal para blog da Companhia das Letras?

A experiência é interessante. Não é tão trabalhosa como produzir tiras diárias para jornal. Mas ainda assim, em geral, tenho cerca de três dias para pensar, produzir e finalizar. A coluna foi ideia minha, então eu sempre tive liberdade para o conteúdo e a forma. Comecei fazendo HQs inéditas, depois brinquei de fazer adaptações de trechos de livros da própria Companhia das Letras. Depois, retomei um personagem que tinha sido publicado no Medium, o Jesus Carlos, que é o que tenho publicado por lá ultimamente.

#### Para adaptar "O Machete", você preferiu o final do conto. Que recursos usou para expressar a densidade dos personagens de Machado?

Quis desenhar num estilo mais clássico – preto e branco. Não sei se minha adaptação atinge a densidade dos personagens sem que o leitor pelo menos conheça o texto original. A produção dessas HQs é sempre rápida, e deve soar relativamente despretensiosa. Eu curto muito o Machado de Assis, e toda vez que releio, é surpreendente o quão contemporâneo ele soa. Essa batalha erudito versus popular, aparentemente, é uma coisa antiga, como um conflito de gerações. Ela aparece [por exemplo] em conflitos como entre o funk carioca e a MPB.

#### A publicação periódica de HQs na web lhe ensinou o que sobre leitores online?

Nunca tive muita resposta de leitores pela internet, mas acho que isso é um resumo da minha "carreira" em qualquer meio que seja [riso]. Não sou muito a favor de quadrinhos de internet. Digo, nada contra, mas tudo o que faço para lá imagino que deve ser impresso algum dia.

## O machete de Machado



DW Ribatski concentra sua HQ no final do conto. Confira trecho da peça machadiana — "Ali postos os quatro, numa noite da seguinte semana, sentou-se Barbosa no centro da sala, afinou o machete e pôs em execução toda a sua perícia. A perícia era, na verdade, grande; o instrumento é que era pequeno. O que ele tocou não era Weber nem Mozart; era uma cantiga do tempo e da rua, obra de ocasião. Barbosa tocou-a, não dizer com alma, mas com nervos".



MONDE ESTÁ ELE? -PERGUNTOU ALEGRE E EM ALTAS VOZES O ESTUDANTE.



AMARAL INTERROGOU-A, MAS NÃO
OBTENDO RESPOSTA CORREU

TARA O INTERIOR DA
CASA COM A FAMILIARIDA DE
DO AMIGO E A LIBERDADE QUE
LHE DAVA A OCASTÃO.





#### Bianca Ogliari

### Meu querido melanoma

(2017, trecho)

[...] Quando decidi fazer esse livro, eu estava na minha primeira consulta com o oncologista Leonardo José Ribeiro. Ao receber o diagnóstico, não chorei. Estava decidida a entender o que acontecia com meu corpo, a conhecer o que era o melanoma. Leonardo é o responsável pelas minhas cicatrizes, mas, também, é responsável por eu estar aqui, por eu sentir medo de sala de cirurgia, mas não sentir medo do melanoma.

Sou uma paciente cheia de perguntas e um pouco teimosa. O meu muito obrigada pelo atendimento que recebo dele nesses quase três anos vem em forma deste livro.

#### MÃE

Quando a filha de Marli era pequena, a maior preocupação era com a sua garganta. Tudo girava ao redor da dor incontrolável e da febre persistente que a criança apresentava. O motivo? Garganta.

A mãe era Marli, e o pai também. Toda sua atenção era voltada à filha única, era ela e ela.

Marli acordava inúmeras madrugadas, enrolava sua filha no pequeno cobertor verde, colocava-a no carro e percorria poucos quilômetros até o hospital mais próximo. Tudo bem, a cidade era pequena, interior do Paraná, mas, para uma mãe com sua filha gritando de dor, o caminho até o hospital parecia sempre mais longo. Foram noites sem dormir e inúmeras madrugadas de garganta inflamada e de choro.

Sua filha não tomava leite. Marli tentou todos os leites que foram indicados pelo pediatra da criança, aceitou palpite de outras mães, quase percorreu o mundo atrás do leite perfeito. Não adiantou. Acabou sustentando a filha com sucos de frutas e verduras.

A criança era birrenta. Teimosa. Não queria saber de leite.

Depois de alguns anos, Marli, apesar de suas inúmeras maneiras de conseguir com que a filha tomasse aquele líquido nutritivo de cor esbranquiçada, disse para a filha que achocolatado era feito com chocolate e água. Não existia leite ali. Seu irmão, tio da criança, enfatizava a conversa. A filha confiou plenamente em sua mãe e em seu tio, e viveu poucos anos na ilusão de que tomava achocolatado sem leite. Com água e chocolate.

A criança amava tanto o achocolatado, que, nos últimos dias de vida de seu avô, aconselhou-o a tomar achocolatado para curar um câncer para o qual não havia mais o que ser feito. Ela tinha boa intenção, mas seu avô engasgou com sua última tosse e não houve achocolatado que o salvasse. Morreu. Era câncer no pulmão e também outro entre a parede que liga o pulmão e o coração.

O avô fumava, sim. Todo mundo joga a dor em algum vício.

Aos poucos, as coisas foram piorando, a criança não se alimentava corretamente, gostava de morango e era isso.

Depois do leite, das dores de garganta e dá má alimentação, vieram as dores de barriga. A diretora do colégio em que a criança estudava ligou para a Marli: sua filha chorava desesperadamente por conta da barriga que doía.

Os problemas foram para cicatrizes por brincadeiras; machucados por pirraça; cólicas menstruais; miopia, astigmatismo e outros pequenos problemas que, para quem é desprovida de boa saúde, eram catástrofes.

Gastrite nervosa também se fez presente na filha de Marli. Uma úlcera por conta da ansiedade, angústia, genitor inexistente, tudo isso em uma adolescente de dezessete anos.

Contudo, nenhuma noite mal dormida ou idas solitárias ao hospital com sua filha de péssima saúde se comparam ao diagnóstico mais recente. Em 27 de janeiro de 2015, a dermatologista ligou para a mãe. Foram várias ligações até Marli atender e ser chamada no consultório com urgência.

— É câncer de pele, disse a doutora.

A pele é aquele nosso importante órgão, o maior, que reveste o corpo e deslinda meios internos e externos do corpo. Protege tudo que carregamos, nutre a pigmentação que temos, transpira nosso choro, nos defende e absorve o mundo, uma enorme proeminência social e emocional.

A pele pode ser fina, grossa, lisa, com rugas. É o maior órgão e depende completamente do cuidado de seu portador. Já o câncer não é uma única doença. São muitas que sussurram no corpo, de maneira clandestina. Uma versão distorcida do nosso eu normal.

As células cancerosas são células normais que foram deixadas de lado, ignoradas por seus hospedeiros. São desprovidas de nutrição e de suporte. Assim, elas tentam sobreviver num ambiente hostil e obscuro, utilizando qualquer coisa para se nutrir – raiva, medo, ressentimento, autocrítica, culpa, depressão e remorso.

Esse, o câncer de pele, segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), é o mais comum em nosso país tropical – corresponde a 30% de todos os tumores malignos.

A filha de Marli, aos dezoito anos, carregava no braço direito uma pinta, das inúmeras, de nascença. Ela se metamorfoseou amplamente, mudando sua assimetria, sua forma e sua cor. Depois de enterrar seu pai e seu irmão, a mãe pensou que talvez enterrasse ali sua filha.

Marli perdeu-se. Não chorou, tremeu. Tremeu e suou de nervosismo. Perdeu-se nas ruas, sem direção. Marli não sabe dizer como chegou ao consultório, muito menos como saiu. Possivelmente só consegue dizer que ela queria o câncer para ela ou para qualquer um, menos para a filha.

Largou o mundo e foi atrás do melhor tratamento, do milagre, rezou para todos os deuses, quis a cura. Trocou o sono por incansáveis Pais-Nossos de cada dia. Não queria que a verdade fosse essa, uma filha com câncer.

Deus não ouviu. Era agressivo mesmo, corrosivo, fundo, com raízes e ramificações. Chamam de melanoma, o câncer mais agressivo de pele. A mãe chama de barbárie.

— É melanoma, confirmaram as raízes que se registravam no braço da filha.

Cientificamente, o melanoma forma-se a partir dos melanócitos que, por sua vez, migram das células multipotentes para toda a epiderme, camada superficial da pele. E, por conta disso, o melanoma é uma árvore, com raízes enormes que se desenvolvem pelo corpo humano, apresentando grande capacidade de metástase, quando o câncer se espalha para outras partes do corpo, mesmo em fases iniciais, podendo alcançar os menores órgãos. Até porque o maior já foi afetado, a pele.

O melanoma classifica-se em quatro grupos: melanoma lentigo maligno, que corresponde a 5% dos melanomas e acaba sendo mais frequente em mulheres; melanoma disseminativo superficial, o mais comum, atingindo 70% dos diagnósticos de melanoma; melanoma nodular corresponde a 12% de estrago nas pessoas diagnosticadas, e o melanoma acral lentiginoso, o mais raro.

— Mata sim, disse o médico.

O médico tinha razão, a mãe morreu um pouco. Marli não fala sobre o assunto. Ela vive o assunto com a filha. Ela trava ao pensar e os olhos começam a encher-se de água. Só ela sabe o que é carregar a dor de uma filha diagnosticada com a única doença de pele que mata: melanoma.

#### **Cami Nicolellis**

### It's a Match!

1)

- Oie.Você deve estar se perguntando porque eu sumi, não é mesmo?

(Para falar a verdade, eu só estava vivendo a minha vida). Mas vamos lá:

- O que aconteceu?
- Então. Você sabe que eu era amarradão em você, insisti um monte pra gente sair. Saímos algumas vezes, foi muito daora. Mas aí eu meio que perdi a pira.
- Ok.
- Mas sabe como é, sempre rola uma saudadezinha.

#### 2

- Olá. Qual é a sua religião?
- Olha, eu não tenho uma religião. Mas respeito todas.
- Mas se fosse escolher uma, qual seria?
- Eu acho que se a pessoa fizer o bem e tiver fé, pode até chamar deus de Oliver que está tudo certo.
- Sabe o que é? Eu sou budista.
- Massa. Acho o budismo muito interessante.
- E o que você pensa sobre relacionamentos?
- Acho que são maneiros.
- Ou você gosta de diversão?
- Diversão é divertido, né?
- Mas você está aqui procurando um relacionamento ou diversão?
- Não to procurando nada na real, só estou vendo qual é.
- É que no budismo a gente não aceita essas coisas efêmeras, de mentira. Quando estamos com uma pessoa é pra valer.
- Ah, é?
- E aí, você quer um relacionamento?
- Acho que estamos pulando algumas etapas, não?
- No budismo é assim.
- Entendi.
- E aí?

- E aí o que?
- -Vamos tentar um relacionamento?
- Olha, acho que por enquanto eu to preferindo a diversão.
- Então quando você estiver pronta para um relacionamento, você me procura, tá?
- Combinado. Fique no aguardo.

3)

- Oi, linda.
- Oi, como você está?
- Com saudades de você.
- E como foi o seu dia?
- Foi bom.
- O que você fez de bom?
- Fiquei pensando em você.
- Ata, você passou o dia todo pensando em mim? Não fez mais nada?
- É que tô ansioso para beijar sua boca.
- -Viu que aquele filme que comentei estreou essa semana?
- Cinema é ótimo para ficarmos agarradinhos, né?
- Disseram que o roteiro é ótimo e a fotografia maravilhosa.
- Maravilhosa é você.
- Acho que vou dormir. Boa noite.
- Boa noite, meu anjo. Durma com os anjos e sonhe comigo. rsrsrs
- Hahahaha...

Ela: Puta merda. Se eu quisesse ler um estoque de cantada barata, entrava na página do balãozinho ou os melhores do twitter. Eu quero conversar sobre os átomos, sobre cinema argentino, ouvir o prato que a avó dele preparava aos domingos, ir ao parque, discutir Caetano e planejar bobagens.

Ele: Porra, mina chata. Quer conversar, vai na Hebe.



1º de janeiro: Edição de j 9 de janeiro: Campanha apelo emocional hediondo

1º de fevereiro: Edição d

2 de fevereiro: Texto eme com menções à solidão do seu próprio anacronismo.
3 de fevereiro: 600 likes,
13 de fevereiro: Carnaval locais que se forçaram a go amizades no centro acadên
29 de fevereiro: Não tem

30 de fevereiro: Também

1º de março: Edição de r 2 de março: Texto emoci com menções à melancolia até a gráfica, à própria dese 3 de março: 500 likes, 12 25 de março: Diagramad no fechamento da edição de Desorganização do editor; de última hora por parte de depois do PDF fechado, que página 17 está levemente to no leitor de PDF?".

1° de abril: Edição de abril
2 de abril: Texto emocion
23 de abril: Não é comer não fez.

**28 de abril:** Reunião de po pouco dinheiro conquist sacolés e coprofilia.

**1º de maio:** Edição de ma **6 de maio:** SPAL x Benev Campeonato Italiano.

16 de maio: Tatuar um ca27 de maio: Enclave de ja

1° de junho: Edição de ju10 de junho: Largar a lite14 de junho: Desistir de l

1° de julho: Edição de jul 19 de junho: Substituir o culpa é do revisor". Decid em causa própria" e "Rele não correspondido".

13 de julho: Ensinar um o

aneiro.

de assinaturas do **RelevO** com

e fevereiro.

ocional do editor no Facebook, ofício, à madrugada chuvosa, a

14 assinantes novos. em Curitiba com grupos star de samba para manter nico.

não tem.

narço.

onal do editor no Facebook, da função, à estrada perdida sperança.

assinantes novos.

lora irritada com o editor
seguinte por motivos de a)
b) Aceitação de anúncio
lo editor; c) "Acabei de ver,
ue a coluna da direita da
corta. É só impressão da leitura

nal do editor (...).

norado o dia do gol que Pelé

oauta, discutindo como perder ado com uma piada sobre

aio. vento, 36ª rodada do

chorro. Não, não, claro que não. meiro.

nho.

ratura para fazer Medicina. Medicina.

ho

slogan "Qualquer coisa, a ir entre "Advogando contra vo: um caso de amor próprio

cachorro a tatuar.

**27 de julho:** Diagramadora irritada com o editor (...).

1º de agosto: Edição de agosto.

**10 de agosto:** A primeira colonoscopia da história de um jornal impresso.

**15 de agosto:** Editor entrevistado por email para um projeto jornalístico idealizado por estudante de Jornalismo em época de TCC, formando uma pirâmide de irrelevâncias.

30 de agosto: Enclave de fevereiro.

1º de setembro: Edição de setembro.
6 de setembro: Tatuar o símbolo do infinito.
7 de setembro: Proclamação da República.
27 de setembro: Aniversário do Totti.

1º de novembro: Edição de Black November.
23 de novembro: Entrar na onda da Black Friday e pensar em uma campanha de assinaturas por volta das 17h.
23 de novembro, mais tarde: Não fornecer promoção de Black Friday ao gastar horas na fila das Lojas Americanas (American Stores) – comprando xampu (shampoo) na Black Friday.

23 de novembro, antes de dormir: Criticar a Black Friday.

1º de dezembro: Edição de dezembro.

**2 de dezembro:** Editor retoma o texto publicado em janeiro, altera algumas palavras e expõe, no Facebook e no Badoo, a solidão do ofício, a madrugada chuvosa e o seu próprio anacronismo.

3 de dezembro: 8 milhões de likes, 2 milhões de assinaturas.
4 de dezembro: O editor é investigado pela quantia de R\$ 100 milhões alavancados em sua conta literalmente de um dia para o outro.

**5 de dezembro:** Sem a menor ideia do que fazer com o dinheiro, o editor vivencia um pequeno surto.

6 de dezembro: O RelevO Literatura Ltda. expande sua distribuição para todos os continentes – inclusive Antártida, apenas pelo prazer de fazê-lo. Também envia representantes (e jornais) a todas as embaixadas de países não reconhecidos pela ONU. Destaca-se a atuação da transnacional RelevO na República Turca de Chipre do Norte. O editor faz inimigos na Somália ao enviar suporte financeiro à Somalilândia – e ao atacante Wanderson de Paula Sabino, o Somália.

**7 de dezembro:** O novo conglomerado constrói um escritório na Avenida Paulista.

**8 de dezembro:** E cria o primeiro ensino fundamental de booktubers.

**9 de dezembro:** E desenvolve sua própria criptomoeda, o *relevum*.

10 de dezembro: E adquire o Coritiba Foot Ball Club,

que terminou na 12ª posição da Série B. O editor organiza um carnaval fora de época com Renato Portaluppi, Edmundo, Silvio Berlusconi e garotos da base do Coxa.

**11 de dezembro:** "Roma não foi feita em um dia? Pois eu quero que Roma se foda", afirma o editor, de cabelo curto, em meio a uma transfusão sanguínea. Ele compra sangue de adolescentes para não envelhecer.

**12 de dezembro:** O bairro Alto da Glória tem seu nome alterado para *Cidadela RelevO*, enquanto o Hospital do Trabalhador passa a se chamar *Hospital Daniel Augusto Zanella*.

**13 de dezembro:** A *Arena Relev* O é inaugurada no Leblon, recebendo imediatamente a final da Taça Felipe Neto – como agora atende o Campeonato Brasileiro.

14 de dezembro: Depois de mais de trinta anos, a banda The Smiths se reúne. Morrissey e Johnny Marr inauguram a *Arena RelevO*. A segunda *Arena RelevO*, essa no Batel Soho, em Curitiba. Aproveitando a viagem, Morrissey se torna o garoto-propaganda da *Hamburgueria Artesanal RelevO* – exatamente igual às outras 230 da cidade.

**15 de dezembro:** Edição especial produzida com enzimas e papel de seda chinesa.

**16 de dezembro:** A Praça de Bolso do Ciclista, em Curitiba, é revitalizada com financiamento do app *RelieF*, o primeiro do jornal no ramo. Sobre a praça, é erigido um obelisco em que se lê "minha rolona" em latim.

**17 de dezembro:** O editor contrata assassinos de aluguel para sumir com todos os poetas que foi induzido a ler nos últimos oito anos. Não é preso, pois ninguém nota o sumiço dos poetas.

**21 de dezembro:** O WikiLeaks divulga documentos comprometedores sobre o Paquistão.

**23 de dezembro:** O editor é preso num esquema de tráfico de poetas para minas do Paquistão, após investigação da PF sobre uma rede clandestina de servidão por dívidas. De acordo com a *Walk Free Foundation*, são cerca de 2 milhões de poetas abandonados por lá. Todos são devolvidos para o Brasil.

**24 de dezembro:** O editor passa a noite na cadeia, mas tem seus crimes perdoados, pois há um consenso de que o país avançou 50 anos nos 5 dias em que não abrigou poetas. As propriedades do **RelevO** são confiscadas pelo Estado, incluindo o Gol 95 com piscina "e som pica".

**26 de dezembro:** De volta à realidade de Araucária, o editor consegue freelas no BuzzFeed escrevendo sobre a formação de empatia por meio da literatura – e da comida quentinha. Ele prepara o *Guia Politicamente Incorreto da História do RelevO*, com prefácio do intelectual *part-time* Leandro Narloch.

**28 de dezembro:** Excursão da equipe do **RelevO** para Itaiópolis-SC, com almoço seguido de tarde festiva.

29 de dezembro: Enclave de março.

**31 de dezembro:** Edição de janeiro de 2019.

#### **Felipe Pauluk**

### **EDINALDO**

quando eu morava em curitiba, na oitava série, meados de 98, havia um colega de classe que pagava coxinha para as meninas verem o pau dele. era uma coisa de louco. cada dia edinaldo oferecia uma coxinha para uma menina diferente, somente para ir com ele numa sala abandonada do colégio francisco de azevedo macedo e ele mostrar o pau para ela. chegou na metade do ano, a notícia se espalhou e o maldito jogo virou. as meninas começaram a pagar edinaldo para mostrar o pau para elas. às vezes, eu o via indo e voltando três ou quatro vezes, durante o recreio, com meninas diferentes e coxinha nas mãos. tinha dia que ele até me dava um salgado ou outro, ficava empanturrado. os muros da escola, carteiras e cadeiras começaram a ser pichados de corretivo ou caneta: "edinaldo tripé". nós, os meninos, começamos a nos morder de curiosidade. o que tinha naquela rola? qual era daquele pau e seu dono? certo dia, juntamos uma grana e fizemos um sorteio. quem de nós, os brutos encabulados, iria passar a vergonha de ver a rola do edinaldo e contar aos outros sobre o pote no final do arco-íris? deus me deu tal incumbência. fui o sorteado. cheguei no cara e estendi a grana. ele perguntou o que significava aquilo. eu falei que era a paga e eu precisava ver a rola dele. gaguejei e fiquei vermelho igual um pimentão. edinaldo riu demoniacamente e pegou o dinheiro. caminhamos para a sala abandonada do colégio. todos me viram passar, eu era a vaca indo para o matadouro, era o bode de expiação. chegamos lá, edinaldo colocou a mão na braguilha da calça, me olhou fixamente e disse: "você realmente não quer ver, não é?". eu disse secamente: não. edinaldo disse: "pode ir". quando voltei para a roda dos amigos não tive coragem de dizer que não tinha visto. espalhei para alguns que realmente ele era roludo. anos depois soube que ninguém viu a rola do sujeito. a pergunta "você realmente não quer ver, não é?" intimava todos. edinaldo deve ser um puta publicitário do pau pequeno hoje em dia.

#### Osvaldo Rodrigues

### Confidencial 22 Portfólio poético

No meu portfólio poético
há tantos erros
fotografia de palavras amassadas
descoloridas pedras perdas e pesadelos
um portfólio de permanentes fracassos
Um preâmbulo aberto ao descaso
e um descuido universal
uma agenda de urgentes desastres
um abutre que pousa no canto superior
de uma das fotos que denuncia minha ausência
e não tenho a mínima intenção de removê-lo
em outra fotografia Edgar Alan chancela seu corvo
e se curva

sobre o portfólio: o que se faz? Tenho a nítida impressão de que o que ali impresso é a denúncia expressa do meu algoz e o que pesa

não é a presença sumária do

exposto
mas o que propositalmente ficou ausente
entre palavras e intenções
de fato ao revelar-me em palavras-fotos
este portfólio permanece iluminado
na escuridão de todos os enganos.

Poema de Tudo aí – 40 anos de Poesia, Editora Penalux, 2016.

#### **Gutemberg Medeiros**



#### Madame Hilst em cena

Foi-se o tempo em que Hilda Hilst era obscena, ou seja, fora de cena nos jornais e livrarias. A coletânea de prosa Com os meus olhos de cão foi lançada pela editora Brasiliense, em 1986. Até 1992, eu andava por cidades de vários estados e sempre entrava em livrarias. Ia direto à estante de literatura brasileira e nada. Encontrava o volume em Literatura Estrangeira para então procurar o livreiro e informar o equívoco. Não poucas vezes, o profissional da casa me dizia que procuravam aquela escritora e, como nada achavam na parte de brasileiros, perdiam a venda. Muitas letras rolaram desde então e a obra de Hilda passou a ser mais e mais lida. Movimento este que promete aumentar, já que a autora será a grande homenageada da FLIP 2018.

Entre as várias sortes grandes de minha vida, está a de conhecer Hilda em 1985. Quando a vi pela primeira vez, ela mesma brincava: "si, muy conocida, pero en su casa". Na época, era citada em poucas obras de referência, a exemplo de História Concisa da Literatura Brasileira, de Alfredo Bosi. Eu a encontrei em curso de extensão universitária na Unicamp e a primeira imagem dela em minha memória é a de fumar compulsivamente extrafino cigarro, a disfarçar a timidez ante os cerca de vinte alunos.

Eu tinha 21 anos e era leitor regular de cadernos semanais de cultura de *O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde, Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil* e nunca tinha ouvido falar nessa escritora. E logo percebi o motivo. Até então, a sua obra fora publicada por pequenas editoras com tiragens mínimas. As primeiras palavras

escritas por Hilda, as vi ao entrar em sua casa, em agosto de 1985, ao me deparar com o poema-cartaz elaborado, pelo editor Massao Ohno (1936-2010), a partir de seu poema dedicado a García Lorca, sobre ilustração do grande artista gráfico Ruy Pereira. O pôster ficava em destaque em seu escritório e ela logo me confessou a extrema amizade e admiração profissional mútuas com este amigo de longa data.

A relação editorial entre ambos é perceptível em números. Dos 34 títulos que Hilda publicou, 13 foram com Massao. Desses, dez foram poemas e três em prosa. Ela foi a escritora que ele mais publicou e viceversa, até a poeta assinar contrato com a editora Globo para a publicação de sua obra em 2001. Muita coisa mudou de lá para cá. A Globo lançou quase toda a sua obra entre poesia, prosa, teatro e crônica jornalística em mais de cinquenta anos de atividade profissional. Autor lido é o presente nas gôndolas das livrarias e com divulgação competente. 2017 foi a mudança para a Companhia das Letras, que lançou toda a sua verve lírica em *Da Poesia* e este ano sai *Da Prosa*.

Pois 2018 promete mais do que a FLIP e tornar Hilda cada vez menos obscena. A Globo vai imprimir novas e grandes tiragens de *Pornô Chic* (composto das três prosas *O caderno rosa de Lori Lamby, Contos d'escárnio* — *textos grotescos, Cartas de um sedutor* e o livro de poemas *Bufólicas*) e a coletânea *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst.* Outra editora está sendo contatada para relançar todo o seu teatro composto de oito peças, que tanto encantou o grande crítico Anatol Rosenfeld. Mais novidades estão por vir, o leitor não perde por esperar.

#### **Eis o Nietzsche**

A carioca Zazie Edições não tem fins lucrativos e publica coleções de livros digitais burilando linguagens artísticas e os discursos que as atravessam e catalisam. A sua bem cuidada *Pequena Biblioteca de Ensaios* está disponível para baixar gratuitamente e foi recém-lançado *Ecce homo: a autobiografia como gênero filosófico*, de Katia Muricy, onde se retoma a controversa recepção do livro de Nietzsche e propõe importante reflexão sobre os enlaces entre escrita filosófica e autobiografia.

A autora é mestre e doutora em Filosofia na Universidade de Louvain (Bélgica). Defendeu tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro e é pós-doutora na Universidade de Paris X. É coautora de Os sentidos da paixão, O olhar e autora de A razão cética (todos pela Companhia das Letras) e Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin (Relume Dumará/Nau Editora). Também publicou ensaios sobre Foucault, Nietzsche, Walter Benjamin, Baudelaire, Machado de Assis. O download de Ecce homo: a autobiografia como gênero filosófico está disponível em www.zazie.com.br/pequena-biblioteca-de-ensaios.

A minha experiência de reler Hilda é bem específica. Convivi com ela por dezenove anos, até seu passamento, e guardo na memória horas e horas de diálogos que continham suas memórias, sonhos e reflexões – para lembrar obra de Carl Gustav Jung que tanto admirava. Amizade que deixou registrada na dedicatória de Contos d'escárnio. Cada palavra que leio me vem com a sua imagem. Tons e inflexões de voz. Nuances de rostos e gestos. Olhares sempre vivos e intensos. Especialmente quando lia sua poesia com sotaque lusitano – tanto afluíam a sua ascendência materna quanto a força de suas raízes nas Cantigas de Amigo até Fernando Pessoa.

Voltando à imagem da Hilda com cigarro sempre à mão, pode-se dizer que ela era sem filtro em todos os sentidos. Uma de suas marcas era falar o que queria na cara de quem fosse, o que implicou na acidentada trajetória de exposição de sua obra tanto em editoras quanto no jornalismo. Ainda era sem filtro especialmente em sua prosa, ao trabalhar com os grandes temas existenciais humanos, sem concessões de ordem alguma.

Hilda alia as mais diversas tradições literárias e de pensamento com o extremo da modernidade ao trabalhar o ser humano fragmentado a se questionar sobre si e o mundo. Questionamentos que atraem novos leitores, mantendo a sua voz mais viva do que nunca. "Palavras eu as fiz nascer/dentro de tua garganta" são versos de sua rica poesia. E parece que muitas gargantas ainda serão despertadas por essa produção tão ampla e ainda muito a ser descoberta. Feliz 2018 com Madame Hilst, caros leitores.

#### **Paloma Franca Amorim**

### HISTÓRIA VERÍDICA QUE ME OCORREU EU JURO PELA MINHA MÃE MORTINHA QUE É VERDADE

na época da faculdade eu tive um namoradinho que era meio um desse tipo galagalinha, eu devia ser a terceira ou quarta de umas sete namoradas que ele enganava ao mesmo tempo, eu bem desconfiava mas nunca me importei de verdade até o dia em que era feriado e a raquel deu uma festa na casa da avó dela que ficava num terrenão, aí tinha um ambiente lá no meio do mato onde ficava a churrasqueira que ela fez de discoteca com bola prateada pendurada no teto e tudo. umas cinco horas da manhã quando já estava tocando aquele i will survive de fim de festa restaram apenas essas sete namoradas do galagalinha e a gente se olhava com uma intensidade, eu achei uma loucura, tava cheia de cachaça na cabeça e não era liderança de nada porque era a terceira ou quarta namorada e sempre fui de respeitar hierarquias, fiquei esperando a primeira, matricial, tomar as rédeas e desenvolver aquele silêncio e estado trágico que fez o galãgalinha se trancar todo de modo que nem rede de wi-fi passava pelo cu. ficamos ali naquele exército de espartanas e eu só doidadoida comentei com a sexta namorada que estava ao meu lado: isso aqui vai dar briga ou vai dar paixão. aí ela me tascou um beijo e deu paixão, todas nós acabamos num embolamento místico molhado maravilhoso e depois, pesado, nós martelamos o cara e enterramos o magricela no quintal da raquel, eu não lembro bem, só sei que a pinscher no dia seguinte foi cavar um buraco, achou que o dedo dele era osso e desenterrou o corpo lá, vixe, deu polícia, deu inquérito, mas assim, mana, eu tô tranquila... pra mim é assim: não sei, não vi. Não sei de nada. Ninguém sabe, ninguém viu. Aqui é família, bicho.

#### **Maurício Limeira**

### Ciclotimia

A chuva era uma promessa.

"Vai sair?", ela quis saber.

"Vou."

"Vai chover..."

O interesse cabia dentro de um papel de bala.

\*

"Quer fazer amor?"

Pareceu um filme rodando ao contrário. Ele, que se vestia para sair, parou e foi tirando a roupa recém colocada.

"Quero."

\*

Ela chorou todo o tempo. Gozou chorando. Ele nunca imaginou que fazer silêncio pudesse doer tanto.

A porta da rua, essa foi ficando cada vez mais longe.

\*

"Quer comer alguma coisa?"

Jantaram juntos às quatro da madrugada. Naquela hora, ele ficou imaginando que horas seriam na Ucrânia. E se naquele instante haveria alguém feliz por lá.

Era tudo insuportável. Era ele mais insuportável do que tudo.

"Não liga a televisão agora", ela pediu. "Agora não. Por favor."

Ele pôs de volta o controle remoto no lugar.

"Eu não quero brigar com você."

Ele também não queria.

"Mas você não diz o que está acontecendo."

Ele também não sabia o que estava acontecendo.

"Eu não posso te ajudar?"

Em algum lugar na Ucrânia, ele tinha certeza de que

alguém estava sendo feliz naquele exato instante. Invejou cada poro do ucraniano que estava sendo feliz no lugar dele.

Quando a luz se apagou, a sala ficou completamente escura. Mas eles continuam lá. Dá pra ouvir quando respiram.

\*

A promessa se cumpre.

"Está chovendo."

"Você tirou a roupa da corda?"

"Sim."

Que bom seria se todos os nossos diálogos contassem com um Nelson Rodrigues supervisionando.

Que bom seria se ao olharmos no espelho não víssemos apenas nós mesmos.

"Vem cá. Deita aqui do meu lado."

Ele deita. Se aconchegam um no outro.

"Pensando em quê?", é sempre ela quem fala.

"Na Ucrânia."

"Ucrânia? Por que Ucrânia?"

"Por nada. Por tudo. Que horas são na Ucrânia agora?"

"Umas três da tarde."

"Quantas pessoas vivem lá?"

"Umas cinquenta milhões."

"Qual é a capital deles?"

"Kiev."

"E o PIB?"

"Não faço a menor ideia. Mas prometo que quando você morrer eu mando te enterrarem lá."

No escuro, aninhado na pele quente dela, ele sorri.

\*

Nesse mesmo instante, no centro de Kiev, na Ucrânia, o sujeito parou no meio da rua e olhou ao redor. Depois continuou andando. Mas agora não via graça em mais nada na vida.

#### **Paulo Venturelli**

### Poesia da terra desolada

Son of man, you cannot say, or guess, for you know only a heap of broken images where the sun beats (...)

T.S. Eliot, The wasteland

O poder da poesia está em transformar o mundo e dele nos dar outra configuração. O que, nas mãos de Homero Gomes atinge um alto índice, quase épico, ao focar uma cidade sem geografia, dentro da qual, contudo, fervilha um homem despossuído, aquele que não tem chão nem identidade – este é o homem do século 21, o ser muito mais vítima do que beneficiário de tudo o que a humanidade tem criado sob o nome de progresso – este é o homem que envergonharia os deuses mais imorais, dado que ele, humilde e humilhado, já não é invadido pelo vigor do caminho de sua vida.

Num texto anfíbio, que pode ser lido como poema ou como prosa em versos de lirismo amargo, Homero aponta o dedo para nossa cara, fustiga nossa consciência e revela, por meio de qualificativos abundantes e farpentos o homem (Pedro, nome que não denomina) na palidez das ilusões, encravado no absurdo — a realidade da existência em seu brutal trabalho de barrar o sonho, a idealização, qualquer hipótese de grandeza.

A sexualidade também é decantada não mais como interação, encontro de corpos que se dizem, mas relegada à brutal fisiologia – buraco vermelho – que reduz o encontro a mero atropelo de instintos, animalidade de quem perdeu a referência do amor e só tem na pletora de seu interior a compulsão carregada de miasmas que apelam ao prazer estéril, bruto, nunca humano. É o desabrochar da besta, a que refocila no outro corpo, privado de encanto e submetido às quatro patas como qualquer animal.

A metáfora do quarto vazio aponta para a impossibilidade que nos cerca para um encontro com o outro. Não por acaso a prostituta está de mãos dadas com a boneca, ou seja, não com outro ser – somos reificados no não-lugar, fantoches pretensiosos, de olhos cegos para o nada que é o espaço onde boiamos inconscientes ou conscientes da trivialidade de nossos atos.

Neste enquadramento, as tetas são sugadas, a felicidade rasteja sob o açoite, a multidão de machos equivale ao não-pertencimento, porque o poema/a

narrativa pende na direção de um corpo magro, suado de sêmen, quer dizer, o gozo é carapaça que esconde o ritmo de um pulsar verdadeiro, é só dejeto da concupiscência que não gera, apenas joga no mundo criaturas a repetir o círculo vicioso do nenhum, da opacidade. A criatura goza com olhos de espuma, mama, baba nos joelhos, se afoga na escuridão dentro de um vértice em que tudo é automatismo numa região de mero formigamento, insensibilidade na toada do latejar do corpo.

Assim, resta ao ser o cheiro de latrinas, da cidade que reserva como cama o espaço sob marquise. Noutro tom, encontramos aqui um poeta afiado com a denúncia. Longe do panfleto, do proselitismo, Gomes consegue imprimir em seu texto um gesto apropriado para nos acordar, expandir nossos olhos e nos dizer: homens ocos, longe da juventude em seus bagos, só têm como consolação/fuga a janela engordurada que, no contexto, reforça a vista curta, a vista a se dobrar sobre si mesma e desandar em reverberações maquinais.

Até o sol é úmido e goteja. Os infernos, particulares. Quem passa ao lado é privado de algo. Só se alimenta o que dói dentro do corpo. Nunca o cristal. São estas algumas das peças do xadrez que o poeta nos convida a jogar, num lance em que já fomos travados no início pelo xeque-mate, pelo passeio entre lesmas e salamandras.

E quando estamos estonteados pelos elementos que o autor lançou contra o que não queremos ver/ compreender, eis que nas páginas se vai construindo uma narrativa com as vigas do senso comum: Pedro apresenta Rosa à mãe, afirma que se casará, deflorará a moça, terá filhos que comprovem a vitória masculina de Pedro. Conseguiu o quê? Numa dosagem de anti-clímax, a mãe desmonta o que o filho tenta erguer como sua fórmula de se encaixar às convenções: essa daí tem cara de puta, nada nela há de ser deflorado. Num átimo, Pedro é devolvido ao não-ser. E a noiva, um dia ninfa, agora é a mulher que fede, carne podre pelas fendas do corpo. Mulher manuseada por outros abandona o romantismo, uma vez que sorveu os olhos a vê-la. Como porta de redenção – a muda que morre na semente.

O livro de Homero se divide em duas grandes partes. Cada uma se subdividindo em estrofes. O poema segue em arranques, quer dizer, cada estrofe foca um tema, um personagem, tornando-o multifacetado. É objetivo do autor captar não apenas minúsculas cenas dos personagens sem eixo e sim nos passar uma universo em que eles chafurdam e se debatem na busca de um sentido que nunca vem. No lugar do sentido existencial florescem pústulas, miasmas, acorrentamento numa condição de vida em que até o mais simples respirar torna-se ato áspero e brutal.

Pedro, que desaprendeu a chorar, sente a podridão enraizada na pele. É a premonição da morte a rastejar nos subterrâneos de versos inesperados com imagens implacáveis, sem concessão ao leitor, forçado a entrar neste ambiente não por uma

porta perfumada e sim por um portal onde a doença inunda os trapos, chuva maldita – lágrimas esquecidas, açoites insuficientes, verme no crânio. Anoitece neste mundo sem transcendência, sem a figura mítica de um deus que trouxesse consolo, mesmo enganoso, uma vez que qualquer lastro divino é pai da mentira.

O EU nunca é inteiriço nas páginas presentes. O EU é cercado por falos, estacas, espetos, marteladas e termina por se derreter rumo ao bueiro. A impossível identidade materializa-se no que mal parecia um corpo, algo circunscrito a ser menos que um pedaço de madeira, um EU líquido-amarelado-a-ensonar-a-casa-improvisada. De novo o não-lugar, o desterro, o aguardo de uma fagulha com poder de iniciar plataforma de vida. O fogo se dissipou, inexiste alguém a dar uma resposta. EU sou o que não querem exposto. EU, apenas uma ilha desprovida de mar.

Pedro desmembrado só tem em si a mensagem calada. Só tem de si a revelação a se esgotar em suores. Só tem de si o gaguejar, o ranger de dentes, a queda na névoa do pó e pus a estender as feridas dos olhos. E no longe, muito longe, o silêncio dos séculos. Camadas de tempo em que não há palavra, logo, não há língua, logo, não há homem, dado que nossa matriz está na linguagem, somos seres modelados pela linguagem e ela está desfeita na sondagem de um túnel mudo, cuja atividade se restringe a um terror a revirar as entranhas.

Enfim, para não me alongar demais, nem retardar o prazer do leitor em desbravar este Naraka, fico por aqui. Uma última palavra: o leitor pode estar a se perguntar: se este livro traz matéria tão pungente, um circo fúnebre de abandonos, por que vou lêlo? Antes de tudo, é preciso destacar que Homero Gomes é daqueles poetas que inquietam, nos sacodem de nosso comodismo. E como tal, ele é o homo faber, o homem que cria e, ao criar, nos traz beleza. Ele esculpe a palavra na carnadura da imagem inusitada. Ele baila nas circunvoluções de um poema longo a nos convidar a fazer a travessia. Naraka é travessia, poema-rio a nos levar a muitos portos. Ninguém há de ficar indiferente ao que vai estampado a seguir. Se o poeta nos perturba, ele também oferece fios de meadas. Podemos puxá-los e, quem sabe, no fim de cada um encontraremos Fênix ou auroras. O poema é um luta frutífera com as palavras. E por este viés cria beleza. O sangue revitaliza. Mesmo que nada é reservado para os que nada foram, aqui há criação. Criação é resistência, resgate do ludismo, empenho em descortinar outros ângulos. Homero não renunciou à coragem de moldar signos em nome da arte de ler. Ler o seu trabalho é entrar num labirinto e, perturbado, o leitor vai-se fazer muitas perguntas. E eu sei: é a pergunta que move a Terra. Stephen Vizinczey escreve: "ninguém pode ler Stendhal e se sentir supérfluo ou completamente derrotado. Ele reacende nosso orgulho." O que você, leitor, sentirá em relação do trabalho de Homero Gomes?

#### **Homero Gomes**

### **NARAKA**

(seleção de trechos, Patuá, 2017)

Ele não tem onde reclinar a cabeça.

Seu travesseiro de pedra

- crânio espatifado no asfalto, os espinhos na pele suada de sal - ele não tem.

reclinar sua consciência de ser em ombros alheios não pode mais - onde a cabeça.

Pulsam as têmporas flácidas de tão ocas. Cheiro de podre nos pelos das narinas inexistentes.

O vazio - sinal:

símbolo da sua (d)existência.

Pus vazando pelos olhos avermelhados de cansaço. Cansar no ócio do ontem na previsão da inutilidade de adiante.

#### Reclinar

o peso que ele não tem na cabeça.

#### Onde.

Peso - pedra sem sono.

A leveza da densidade da matéria.

Não. Leveza - plumas sem esse cão que se esfrega na barra da calça. O peso desse oco que suga a gravidade dos olhos.

Essa cabaça seca caída sobre a terra rachada poeirenta sólida como a rocha - sua cabeça sobre o nome: a maldição efêmera dos símbolos.

Seu nome reclinando sobre a cabeça do rio esquecido.

O tempo não corre mais só o vapor da pedra no ar. : o resto nas sombras das arestas dessa pequena densidade :

#### \*\*\*

Pedro, uma rocha?

Um iceberg: sobre o mar, um pequeno floco. Desse mar primitivo e sem mistérios - esconderijo. Um cobertor, no silêncio, o mantra. Um canto de proteção sem

glória: a primeira mãe dos homens.

Com as unhas roçando os corais, dorme. Acalenta o desespero refletido na lembrança azeda do leite escorrido de sua mãe.

#### **Demétrio Panarotto**

### **Baile Funk**

Este é o poema do cume [do erudito ao não dito da cumeeira sem beira que do cume agito acima abaixo a fora e a dentro de um pretendente pra sempre a ser gente] do cume lado do presidente que do cume fala que do cume governa que do cume só pra com um cálice cálice cálice o cume trouxe estrume lado na mão

o cume lado do presidente moro do paraná toda vez que sobe o cume desce o cume lado o cume lado desce e do cume lado moro a galope o golpe do cume vaza documentado ou do cu mentido é o cúmulo é o cu mula é o cume tido é o cume moro é o cume tendo tendo sido tendencioso

ver-te merda todo o dia do cume o presidente num país desmoronado desmoronando e dançando com o verde amarelo da colônia com cheiro de cume engana pois quem cunha uma moeda do safado do safado uma moeda cunha

este é o poema do cume pra dançar no baile funk no palanque do planalto do cume tendo e aprovando o passado danação com a chibata no coro com o coro no tronco entoando a manchete da tv repetida como refrão

vai vai

vai vai vai

vai vai vai

vai vai

vai vai

vai vai

vai vai vai

vai vai vai

vai vai...

vai vai

vai vai vai

#### Camila de Oliveira e Dayane Ferreira

### A demonização da mulher pública

Diferentemente do que o imaginário popular acredita, a prostituição não pode ser considerada a profissão mais antiga do mundo. Isso porque a prática é essencialmente urbana, caracterizada pelas relações de troca em uma sociedade marcada por valores conservadores. Nesse sentido, a prostituição passou a ser percebida e pesquisada no Brasil somente entre o fim do século 18 e as primeiras décadas do 19, conforme analisa a historiadora Margareth Rago, no livro *Os prazeres da noite*.

A repressão sobre a prostituição brasileira tem origens bem mais profundas e deve ser entendida, também, como um temor à sexualidade feminina insubmissa. Desde a colonização do Brasil, a mulher é submetida à dominação masculina e considerada, por muitos, como um ser inferior ao homem, especialmente nos aspectos biológico, emocional e intelectual. Por conta disso, ela foi renegada ao recato do lar - ao cuidado dos filhos, às tarefas domésticas –, enquanto o homem ganhava o espaço coletivo. Aspectos da história brasileira, como a própria colonização por um país onde o catolicismo é muito forte, assim, influenciam ainda hoje como a sexualidade se desenvolve e é vista no Brasil e como a vemos, especialmente. Dentro desse modelo católico, o sexo, para a mulher, era aceito apenas com fins de procriação. Contudo, para o homem, era preciso se submeter a seus prazeres considerados como insaciáveis. Social e moralmente, uma mulher que mantinha relações sexuais apenas por prazer, especialmente fora do casamento, era tida como anormal, enquanto que, para o homem,

isso era considerado como sinal de virilidade e uma necessidade biológica.

O estudo da sexualidade feminina e do fenômeno da prostituição é, até hoje, permeado por estigmas. Médicos, policiais, juristas e criminologistas brasileiros baseavam as pesquisas iniciais sobre o tema em análises biologizantes e positivistas acerca da mulher. Conforme Rago, a figura feminina era completamente associada aos conceitos de fragilidade (física e emocional), fidelidade, instinto maternal, frigidez sexual e pureza, como indicam documentos da época. Dessa forma, o que destoasse do padrão de "feminilidade", principalmente no âmbito sexual, era visto como patológico ou criminoso. Exemplo disso é o adultério feminino, historicamente punido com mais severidade do que a traição masculina.

De acordo com o filósofo francês Michel Foucault, no livro História da sexualidade, durante muito tempo tentou-se reduzir o sexo à função reprodutiva, à sua forma heterossexual adulta e à sua legitimidade matrimonial. No século 18, foram desenvolvidas estratégias de saber e poder para entender o sexo. Um deles foi a histerização do corpo da mulher, processo pelo qual o corpo feminino foi classificado e desclassificado, e analisado como integralmente saturado de sexualidade. Outra foi a psiquiatrização do prazer perverso, ou seja, daqueles prazeres vistos como ilícitos, proibidos. Procurou-se, então uma tecnologia corretiva para as anomalias que envolviam a sexualidade. Estas estratégias são, para o autor, a própria produção sobre a sexualidade. O domínio sobre o sexo é, então, feito pelo uso de linguagem,

por meio de um discurso.

Em uma sociedade burguesa fundada nos princípios da castidade e da família nuclear, a mercantilização do sexo só podia ser vista como ameaça e transgressão. A definição do italiano Césare Lombroso explicita esse imaginário, conforme cita Rago em *Os prazeres da noite*: "A prostituição é, em suma, o lado feminino da criminalidade". A partir daí, o que se tem é uma espécie de demonização da profissão.

A "mulher pública" – no sentido de não exclusiva e de incluída na vida pública – tornase um "fantasma", presente mais no imaginário do que propriamente na realidade, de acordo com Rago. Além de um "espetáculo voyeurista", a relação sexual mercantilizada promove a perda da identidade da mulher, que, quando nomeada prostituta, passa a carregar estigmas e simbolismos. Para a autora, ao contrário da mulher "normal", ou seja, constituída como mãe-natureza e transparente, a prostituta é opaca ao olhar masculino da ciência. Sendo assim, ela pode ser lida e identificada por aspectos como cheiro, roupas, maquiagens, gestos e signos que ocultam sua interioridade.

Conforme explica Kathryn Woodward, em artigo da obra *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, "as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas". Ainda segundo a autora, é por meio dos símbolos que se dá sentido às práticas sociais e se define quem nelas é incluído ou excluído. Dessa forma, à medida que a prostituta

é identificada unicamente por sua aparência física e sexo, ela é resumida a uma figura desprovida de características emocionais e psicológicas. Além disso, sua identidade perde-se em meio à dicotomia entre a mulher vitimizada, que vende o corpo por necessidade financeira, e a *femme fatale*, que sente prazer em exercer o domínio sobre os homens.

Nessa lógica, a invisibilidade da prostituta torna-se um problema à medida que "os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar", conforme analisa Woodward. Vistas como "mulheres da vida", devassas, preguiçosas e sem perspectiva de futuro, elas assumem posições-sujeito marginalizadas e, por conta disso, seguem silenciadas.

É por meio de nossa percepção que, frequentemente, o estigma dos outros fica evidente, afirma o sociólogo Erving Goffman. Para o autor, "as identidades social e pessoal são parte, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão". Em seu livro Estigma, o autor cita as prostitutas, consideradas para ele, como detentoras de um dos mais importantes estigmas. Para Goffman, os estigmas que as cercam exigem que o indivíduo seja reservado, cuidadoso acerca de seu "defeito" em relação a uma classe de pessoas, como a polícia, ao mesmo tempo em que se expõe sistematicamente a outras classes, como seus clientes. Ainda para o autor, as prostitutas são um exemplo do que se considera socialmente uma espécie engajada de negação coletiva da ordem social.

Construídos socialmente, os estereótipos e as identidades alheias que cercam a mulher prostituta são alimentados, muitas vezes, pela mídia, inclusive pelo próprio jornalismo. Os programas de cunho sensacionalista são um dos grandes responsáveis por propagar discursos provenientes do pensamento positivista, tão presentes ainda na nossa sociedade. Grande parte dos materiais jornalísticos analisados antes e durante o processo de construção deste livro associam a profissão à violência e à criminalidade. Para Nathália Alles, doutora em Ciências da Comunicação, a mídia tem parcela de culpa no processo de fixação destes preconceitos e estigmas à medida que retrata essas mulheres de forma pejorativa e as mantêm longe da discussão sobre sua própria profissão. A estigmatização, para a autora, acarreta na invisibilidade pública dessas pessoas, que, raramente, são questionadas sobre suas próprias vidas e que se mantêm na clandestinidade e às margens da sociedade para evitar eventuais humilhações públicas que a visibilidade acarreta.

O livro-reportagem Fragmentadas vem em

contraponto à lógica adotada pela grande mídia. Ao beber da fonte do jornalismo literário, acreditase que a humanização dos personagens é possível. Humanização essa que busca dar voz a um grupo tão estigmatizado e ignorado socialmente. Ao dar espaço para que estas mulheres contem suas histórias, angústias e esperanças, oferece-se uma nova perspectiva aos nossos leitores. Muito disso também só é possível com o uso de uma ferramenta flexível e que permite melhor entendimento do assunto: o livro-reportagem. Livre das amarras das grades e do *deadline*, o tempo de apuração e de contato com a realidade proposta é maior. Acreditamos que é dessa imersão e atenção especial que um discurso mais humanizado é possível.

Ao longo do livro, são apresentadas histórias de três personagens que estão interligadas não apenas pela prostituição, mas também pela vida. Fortes, românticas e esperançosas: essas são algumas das características que constituem a personalidade de cada uma delas. Além disso, o livro apresenta ao leitor alguns dos pontos de prostituição mais conhecidos do Centro de Curitiba. O objetivo da descrição destes lugares é inserir o leitor numa realidade da qual ele, provavelmente, não teve contato e assim, proporcionar uma imersão no tema. Para entender a prostituição, é preciso entender sua lógica e sua composição como um todo. Assim, o grande objetivo da obra é ser, em primeiro lugar, um meio de empoderamento das mulheres prostitutas e, em segundo, de conscientização social.

#### ...]

#### GEOGRAFIA DO PRAZER

Microcosmos da luxúria

Mais do que reduto de práticas sexuais, os locais privados em que a prostituição acontece representam aos visitantes um espaço de convivência e sociabilidade, permeado pela modernidade de inspiração europeia. Conforme Rago, "no bordel, buscava-se não apenas a transgressão dos comportamentos moralmente sancionados, mas os excessos, as fugas, os êxtases, os prazeres da orgia". É nesse contexto que se configura a chamada geografia do prazer.

De acordo com a estudiosa, a prostituição era praticada em regiões centrais e comerciais, "próxima aos bares, cafés-concertos, cabarés, teatros e cinemas que atraíam a burguesia endinheirada, os políticos, advogados, estudantes, trabalhadores e marginais de todos os tipos". Tais centros de meretrício representavam mais do que áreas de concretização do ato sexual; simbolizavam espaços marginais de interação social, nos quais amigos se encontravam,

intelectuais trocavam ideias e políticos discutiam negócios. Esses locais formavam um microcosmo permeado por luxúria, erotismo, mistério e anarquia, no qual a sexualidade se aflorava e a experimentação era permitida. A coletivização do sexo exercia fascínio no público ao atiçar o imaginário social e propiciar "a fusão do indivíduo no coletivo, uma diluição do eu na confusão dos corpos", analisa a historiadora.

Influenciada pelas transformações sociais e econômicas decorrentes do desenvolvimento urbanoindustrial, a prostituição de luxo transformou-se em um mercado lucrativo e exigiu investimentos. As prostitutas se profissionalizaram, e os locais destinados ao comércio do sexo se proliferaram e ficaram mais sofisticados, focados em atender às demandas dos clientes ricos e exigentes, segundo Rago.

De acordo com um levantamento realizado pelo Grupo Liberdade – organização não-governamental de apoio a prostitutas em situação de vulnerabilidade em Curitiba e Região Metropolitana –, cerca de 30 mil mulheres se prostituíam em 2015. No mesmo ano, também foram identificados 3.174 pontos de prostituição. No entanto, grande parte desses estabelecimentos se passam por bares ou boates para escapar da fiscalização, já que não são regulamentados.

O fato de os estabelecimentos ocultarem seu verdadeiro nicho de trabalho revela que determinados estigmas continuam ligados a esses ambientes. Desde os séculos 18 e 19, cabarés e demais casas de prostituição são perseguidos pela fiscalização por serem associados ao tráfico de drogas e a outras práticas ilegais. Isso acontece porque, com o desenvolvimento do meretrício, ampliou-se também o consumo de álcool e de entorpecentes – "cocaína, éter e demais drogas em moda", de acordo com Rago – em tais ambientes, já que essas substâncias estimulam a sensibilização dos sentidos.

Associados à sujeira, odor e libertinagem, por exemplo, ideia reforçada e propagada pelos estudos criminologistas do século 18, os estabelecimentos onde a prostituição está presente são evitados, marginalizados e renegados a espaços específicos das cidades. Para se manter, a profissão precisa, nestes ambientes, estar camuflada atrás de bares, casas de show etc. Este tipo de local, no Brasil, não é legalizado e nem sequer recebe alvará de funcionamento, já que é considerado, pelo Código Penal Brasileiro, como um mecanismo de exploração. Consequentemente, o imaginário social atuante sobre a profissão, herdado do pensamento positivista, é responsável por aniquilar as identidades dessas mulheres e a resumi-las apenas à sua profissão.

Trecho do livro Fragmentadas, 2017.

#### **Carol Rodrigues**

### Lista de compras pra festa do Miguel

Colher de plástico

Garfinho

Chapeuzinho

Canudo

Guardanapo do pateta ou imprime sua cara em folhas sulfite e dobra em quatro partes

Apitos

Bexiga

Bexigão para estourar com bala dentro ou fura a sua

bola inchada pra povoar o Canadá

Bolo floresta negra

Pastelzinho de carne e de queijo

Esfihinha de carne e de queijo

Croquetinho de carne e de queijo ou trinta clones

do teu pau pequeno

Refrigerante – guaraná, fanta uva fanta laranja e traz

um zero pra mim qualquer um

Suco de caixa

Quindim

Fantasia do surfista prateado.

A vela. Número oito. 8. Prateada.

E essa Manoela. Vi no seu face ela faz escova, silicone, usa batom com o contorno pra fora da boca, parece maior do que é hein Fábio. Usa lente ela né. Esmeralda. Eu acho cafona mas você que sabe né você que come.

Sorvete de flocos. Duas caixas da Kibon.

Sabe que é um pouco pesado né, pro Miguel, ter o pai assim atrás de mulher de silicone né, chapinha aplique. É você que paga?

Chantilly. Pra festa tá, pra sua sacanagem você compra depois e compra diet tá, ouvi dizer que o comum dá bactéria, fora a formiga

Leite condensado

Creme de leite

Nescau

Manteiga.

Beijinho de lata.

Bala de coco

Papel crepom.

Toalha.

Deixa tudo nas sacolas com meu nome tá, na

portaria. Camila Simões.

Uma caixa de fósforo daquele longo de segurança.

Na verdade se quiser subir, embrulhar bala de coco.

Salsicha

Molho de tomate.

Ajax, compra ajax.

O Miguel pediu um pirulito, aquele grande, do

chaves, sabe qual? Traz também.

E de presente ele pediu um aquário mas sei lá, achei triste um peixe sozinho. Se for comprar compra dois peixes. Só me avisa antes pra eu fazer espaço na

sala.

Comida pro peixe

Tô deixando a lista aqui com sua

mãe é que ela não quis dizer o endereço novo. Só achei que sei lá, faz quatro anos e o Miguel pergunta. Eu mostro foto sua pra ele mas tá antiga aquela nossa. Se puder comprar as coisas me avisa o celular é o mesmo. Ou manda um e-mail

camila.simões2014@hotmail.com.br

Se não puder manda pelo menos uma foto nova. Sua sozinho.

Traz também figurinha da copa, o Miguel gosta.

Forminha pros doces

Milho pra pipoca

Pratinho de papel. Do dunga, se der

#### **Marin Sorescu**

### Papel

Anunciou-se, creio, no Apocalipse, não me lembro muito bem, que um grande furacão de papel se aproxima da direção NO e de todas as direções.

O furação destruirá tudo no seu caminho, convertendo tudo em papel.

As árvores se transformarão em papel, os animais em papel, o ouro em papel.

Os homens gritarão horrorizados, e o seus gritos se tornarão cobras de papel. Depois eles próprios se vão desfazer em papel:

Papel de embrulho, papel de envelopes, papel de sacos, papel de bíblia, papel de cigarros. E, sobretudo, de jornais.

Alguns se tornarão artigos de fundo, outros entrarão nos problemas industriais ou agrários, outros passarão à página externa.
Os escritores que ainda não falharam por falta de espaço, falharão nos primeiros cinco quadrados.
Para que falar em demasia: haverá um furacão e um papel mundial.

E no fim, perdendo a paciência, se entreabirá a terra. Engolirá tudo com apetite e limpará a boca com os homens que se tinham transformado em guardanapos.

